

A VIDA DE VOLTAIRE, ESCRITA POR CONDORCET, OU CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DO FILÓSOFO

Rodison Roberto dos Santos¹

Resumo: Este artigo trata da maneira como Condorcet analisou a obra de Voltaire no livro *Vida de Voltaire*, lançado no momento em que foram publicadas pela primeira vez as obras completas deste filósofo, em 1789. Neste livro Condorcet discute especificamente as obras do filósofo e suas repercussões, ou seja, ele apresenta a maneira como Voltaire utilizou sua pena para promover uma espécie de combate contra injustiças, preconceitos e desrespeito aos direitos naturais. Condorcet, ao escrever o livro, espelha a forma como ele se inspira para seu trabalho tanto de filósofo quanto de político durante os acontecimentos da Revolução Francesa. Concomitante a esta discussão sobre a obra de Voltaire apontamos que Condorcet mostra, de certa forma, sua visão de como deve ser um filósofo, qual seu papel diante dos desafios de seu tempo e como ele deve atuar de forma a combater as mazelas presentes entre os homens.

Palavras-chave: Voltaire – filósofo – religião – tolerância – teatro.

Em 1789, quando se decidiu publicar as obras completas de Voltaire, Condorcet escreveu o livro *Vida de Voltaire*, com o objetivo de fazer uma espécie de apresentação crítica da obra do filósofo. Este livro foi publicado juntamente com as obras completas de Voltaire.

Nesta obra Condorcet não trata especificamente da biografia do filósofo, mas faz um balanço de seu trabalho intelectual, da importância de seu pensamento e de suas obras para a filosofia francesa. Podemos afirmar que é uma espécie de biografia intelectual do filósofo, na qual se considera a contribuição de seu pensamento como de suma importância para a filosofia ocidental.

No entanto, há uma característica relevante neste escrito. Esta característica é o fato de Condorcet mostrar, por meio desta obra, os aspectos da filosofia de Voltaire com os quais evidentemente concordava e exaltava e que serviram de base para sua própria teoria. Dessa forma, apresentar o pensamento de Voltaire, ao mesmo tempo que mostrava sua importância, revelava também a influência que este exercera sobre os filósofos posteriores.

Sem dúvida, Voltaire é um dos filósofos que se transformou, ele próprio, em um símbolo dos séculos das Luzes. Nascido no final do século XVII (1692), viveu até quase até a penúltima década do século XVIII, falecendo em 1778. Considerado um dos fundadores

¹ Doutor em Filosofia pela USP e professor do Colégio Técnico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (CTUR).

do Iluminismo, seus escritos, como foi comum no período, versaram sobre poesia, contos, teatro, filosofia, história, entre outros assuntos.

No entanto, para além de sua obra filosófica, literária e artística, o que mais impressionou Condorcet foi sua atuação enquanto filósofo que interveio nos assuntos da sua época e procurou modificar opiniões, instruir sobre assuntos relevantes, empreender combate às injustiças, criticar os erros que advinham das religiões e dos sistemas políticos, entre outras ações semelhantes. Ou seja, podemos dizer que, para Condorcet, os escritos de Voltaire correspondiam à sua prática de interferência no mundo das artes, da filosofia, da política e da sociedade.

Um dos exemplos da ação política de Voltaire foi o caso de Jean Calas. Condorcet nos conta esta história no próprio livro *“Vida de Voltaire”*. Segundo ele, *“tranquilo no seu refúgio, ocupado em continuar a guerra justa que travava contra os preconceitos, Voltaire vê chegar uma família infortunada, cujo chefe fora arrastado sobre a roda, por juízes fanáticos, instrumentos de paixões ferozes de um povo supersticioso.”*²

A narrativa dos acontecimentos antecedentes nos dá conta de que o Sr. Calas fora condenado, em Toulouse em 1761, por acusação de ter enforcado seu próprio filho. O motivo do assassinato teria sido o fato do rapaz ter se convertido à fé católica, sendo sua família protestante. Além do chefe da família ter sido torturado e morto, sua esposa e filha foram atiradas à mendicância, pois todos os bens da família foram confiscados, inclusive a casa onde moravam com todos os seus pertences.

Os juízes e o próprio povo obscureceram as evidências de suicídio, tais como a conduta do rapaz, seu caráter, o gênero de leitura preferido etc.. Por meio de ilações, os juízes concluíram pela condenação do Sr. Calas por assassinato, porque um magistrado, tomado de fanatismo, imputou-lhe o crime, tornando seu filho um mártir para o povo da cidade. Acreditava-se que a religião protestante prescrevia aos pais assassinar seus filhos se estes quisessem abjurar sua religião. As mulheres da família foram pedir refúgio em Genebra. Voltaire, que habitava em Ferney, vizinho de Genebra, *“penalizado e indignado, se informou destes horríveis detalhes e logo concluiu que o infeliz Calas era inocente, ousando ter a esperança de obter a justiça em seu favor.”*³ Em resumo, para tal desígnio usou a maior de suas armas, a pena.

Conforme o relato de Condorcet, Voltaire juntou-se a alguns advogados genebrinos em defesa da família; contudo, enquanto os advogados se ocupavam de questões jurídicas e afins, relacionadas ao processo de acusação e condenação a Calas, com uma linguagem própria da jurisprudência, Voltaire, que *“era superior à superstição por seu caráter tanto quanto por suas luzes, sabendo fazer o bem tanto com ação quanto coragem, embelezando, por uma modéstia sem pompa, a energia de suas virtudes, seu ódio pelo fanatismo e pela opressão, assegurava aos Calas uma proteção a qual os obstáculos e os impedimentos foram enfrentados com presteza... Voltaire juntava [à batalha da defesa da família] escritos mais curtos, sedutores pelo estilo, próprios, por vezes, para incitar a piedade,*

² CONDORCET, *Vie de Voltaire*. P. 108.

³ CONDORCET, *Vie de Voltaire*. P. 110.

por vezes, para despertar a indignação pública...⁴ Somente para efeito de conclusão da história, depois de uma longa batalha de argumentos, o réu foi declarado inocente, sua família reabilitada e seus bens devolvidos.

O que mais nos chama a atenção nesta narrativa de Condorcet sobre este episódio da *Vida de Voltaire* é a afirmação do autor de que, lutando para restabelecer o reconhecimento da inocência de Calas, o filósofo sustentava a causa da tolerância.

No *Tratado sobre a tolerância*, Voltaire narra todo o suplício de Calas e, a propósito deste episódio, argumenta a favor da liberdade religiosa. O filósofo conclui sua apresentação do caso com a seguinte reflexão: “*Ou os juízes de Toulouse, arrastados pelo fanatismo da população, fizeram supliciar um pai de família inocente, o que é inédito; ou esse pai de família e sua mulher estrangularam seu filho primogênito, ajudados nesse parricídio por um outro filho e um amigo, o que é antinatural. Num caso ou no outro, o abuso da religião mais sagrada produziu um grande crime. É, portanto, do interesse do gênero humano examinar se a religião deve ser caridosa ou bárbara.*”⁵

São diferentes as posições de Voltaire e Condorcet quanto às relações entre a religião e o Estado. Enquanto Voltaire difundia uma concepção ampliada de tolerância religiosa, Condorcet trabalhava por uma liberdade religiosa. A diferença entre as visões dos dois filósofos consiste principalmente no fato de que Voltaire admitia a existência de uma religião oficial do Estado e Condorcet não admitia tal existência. Mesmo admitindo tal existência, Voltaire postulava que todos os praticantes de outras religiões não oficiais fossem tratados com tolerância, podendo haver uma convivência pacífica entre os homens de várias crenças, sem perseguições e sem impedimentos para o exercício de direitos naturais. Quanto a Condorcet, sua posição era que o Estado deve ser laico, sem a presença de uma religião oficial, onde as religiões são tratadas como matérias cabíveis somente às decisões pessoais de cada cidadão e onde a liberdade de exercer quaisquer cultos jamais sofra interferência do Estado.

Vê-se mais claramente a posição de Voltaire nas *Cartas Inglesas* quando elogia a composição religiosa da sociedade inglesa do século XVIII: “*Aqui é o país das seitas. Um inglês, como homem livre, vai para o céu pelo caminho que lhe agrada*”⁶ e “*embora a seita episcopal e a presbiteriana sejam dominantes na Grã-Bretanha, todas as outras também são bem-vindas e convivem muito bem... Entrai na Bolsa de Londres, praça mais respeitável do que muitas cortes. Aí vereis reunidos, para a utilidade dos homens, deputados de todas as nações. O judeu, o maometano e o cristão negociam reciprocamente como se pertencessem todos à mesma religião. Só é infiel quem vai à bancarrota. O presbiteriano confia no anabatista, e o anglicano, na promessa do quacre. Um vai ser batizado em uma grande cuba de água, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Outro leva o filho para que lhe cortem o prepúcio e despejem sobre sua cabeça resmungos hebraicos incompreensíveis. Outros vão à sua igreja e, enchapelados, esperam a inspiração de Deus. E todos estão contentes. Se houvesse uma única religião na*

⁴ CONDORCET, *Vie de Voltaire*. P. 110.

⁵ VOLTAIRE, *Tratado sobre a tolerância*. P. 13.

⁶ VOLTAIRE, *Cartas inglesas*. P. 15.

*Inglaterra, o despotismo seria temível; se houvesse duas, uma degolaria a outra; mas como há trinta, vivem felizes e em paz.*⁷

Quanto à opinião de Condorcet sobre a liberdade religiosa, a separação entre religião e estado e a laicidade, encontramos expressa nas *Cartas de um teólogo para o autor do dicionário de três séculos*: “Mas tenbo a vos fazer uma repreensão ainda mais grave [...]. Em muitas passagens de vossa obra, vós pareceis só ver a religião como um negócio de política. Assim, toda religião dominante teria o direito de oprimir aos de uma crença contrária, assim [...] esta doutrina seria abominável e ímpia. Vós dizeis que a religião católica romana, sendo a única que agrada a Deus, tudo é permitido a ela e nada contra ela; que a [noite de] São Bartolomeu e o massacre dos valdenses são atos meritórios ao passo que as prisões do parlamento contra o reverendo padre Guignard e contra o reverendo padre Bourgoïn são crimes.⁸ [e] eis, Senhor, sobre o que eu fundamento minha repreensão.”⁹

Em que pese a diferença de opinião entre Voltaire e Condorcet, podemos observar que este enaltece a posição do filósofo das Luzes porque considera que ele empreendeu todas as forças para batalhar contra as injustiças da intolerância e contribuiu para que se chegasse depois à convicção de que era necessário haver uma convivência entre as diversas opiniões relativas à religião. “Se se exercia em uma nação alguma grande injustiça, ao perceber-se algum ato de fanatismo, algum insulto feito à humanidade, um escrito de Voltaire denunciava os culpados à Europa.”¹⁰ A força da ação do filósofo das Luzes, após a vitória na causa de Calas, foi considerada essencial para as lutas contra as injustiças judiciárias na França. Pode-se citar o caso do cavaleiro La Barre, do Conde de Lalli, de M. D’Étallonde e o caso de M. d’Abeville. Sobre as vitórias jurídicas em relação a estes casos, Voltaire afirmaria no final de sua vida que morria contente, porque se havia feito justiça.

No escrito *Notas sobre Voltaire*, Condorcet apresenta vários assuntos sobre os quais Voltaire se interessou e discute as opiniões do filósofo. Em forma de verbetes, seguindo a forma de organização do *Dicionário filosófico*, o autor afirma que para o filósofo-mestre “num país bem governado, um sacerdote não deve ter nem mais privilégio nem menos direito que um geômetra ou um metafísico” e que “os direitos do cidadão não têm nada em comum com o emprego que um homem faz do espírito que a natureza lhe deu.”¹¹

Voltaire também se envolveu no famoso caso do *cavaleiro da máscara de ferro*. Alguns afirmam que o próprio filósofo inventou a personagem do prisioneiro que usava uma máscara de ferro para denunciar as condições sob as quais eram tratados todos aqueles que eram trancafiados nas prisões do reino da França. Com a denúncia de todos os tipos de maus-tratos aos prisioneiros o filósofo contribuiu para que, anos mais tarde, em plena Revolução Francesa, fossem eliminados os aprisionamentos por ordem do rei, feitos pelas

⁷ VOLTAIRE. *Cartas inglesas*. P. 17.

⁸ CONDORCET, *Lettres d'un théologien à l'auteur du dictionnaire des trois siècles* (1774.) Pp. 282-283.

⁹ CONDORCET, *Lettres d'un théologien à l'auteur du dictionnaire des trois siècles* (1774.) P. 283.

¹⁰ CONDORCET, *Vie de Voltaire*. P. 119.

¹¹ Œuvres de Condorcet. Mélanges de Littérature et de Philosophie - Tome I. Paris : Firmin Didot Frères, Libraires. 1847. Tome 4. P. 73

famosas “*lettre de caches*”¹² e fossem destruídas as prisões onde eram confinados os condenados por estes instrumentos abusivos do poder real, como a Bastilha.

Condorcet afirmou que Voltaire elogiou a moderação para com os protestantes sob o reinado de Luís XV e ainda acreditava que a tolerância iria ser ampliada em todas as nações onde houvesse as condições para a razão triunfar sobre o fanatismo. Voltaire lamentava o fato de que, mesmo sob governo mais moderado, os protestantes não podiam exercer certas profissões, inclusive cargos públicos.¹³

No livro *Vida de Voltaire*, Condorcet apresenta não só as disputas de Voltaire a favor da tolerância religiosa, mas também em favor de muitas outras causas, como por exemplo a causa da própria ilustração que envolvia combater os dogmas e as ações contrárias à difusão do conhecimento. E dessa forma, o autor apresenta os vários escritos do filósofo como uma contribuição para esta difusão do conhecimento. No início do livro, por exemplo, apresenta-se as peças de teatro do filósofo, as quais são analisadas do ponto de vista da sua própria repercussão e também dos temas que elas abordam. Estes temas estão em geral relacionados com os assuntos mais relevantes do século XVIII.

Em um outro exemplo, Condorcet analisa a peça “*A morte de César*” (*Notas sobre Voltaire*) e nesta peça Catão profere um discurso elogiando a república romana. Condorcet diz que era o próprio Voltaire quem interpretava Catão e sua atuação no palco, como postura, tom de voz e etc. realçava a apresentação de Catão enquanto republicano. Assim, segundo Condorcet, foi no teatro que Voltaire expressou seu pensamento de que o regime republicano seria o melhor regime para um povo que tivesse alcançado uma maturidade política suficiente para o exercício de tal regime. O próprio Voltaire afirmou que, no início da humanidade os homens se organizaram em forma de república, porém a incapacidade de um governo republicano em meio a povos não esclarecidos provocou a instituição da monarquia.

Diante de todos estes exemplos sobre a vida do filósofo fundador do Iluminismo, podemos concluir que Condorcet vê Voltaire como o espelho e o símbolo de como deve ser o filósofo e qual o seu papel diante do mundo, de seu tempo e das demandas que ocorrem no seu período.

O autor iniciou o livro realçando a influência de seu gênio: “*A história da vida de Voltaire há de ser a história dos progressos que as artes devem a seu gênio, do poder que ele exerceu sobre as opiniões de seu século e, enfim, desta longa guerra contra os preconceitos, declarada em sua juventude e mantida até seus últimos momentos. Quando a influência de um filósofo se estende até mesmo sobre o povo, quando é imediata, quando se faz sentir a todo instante, ela se deve tanto ao seu caráter, à sua maneira de ver, à sua conduta, quanto às suas obras. Estes detalhes são, além disto, úteis também para o estudo do espírito*

¹² *Lettre de cachet* significa carta selada, que era um documento que ordenava um tipo de prisão determinada pelo rei, a seu bel prazer, para cumprir sua vontade ou a pedido de alguém por qualquer motivo, sem que o prisioneiro pudesse se defender.

¹³ *Œuvres de Condorcet. Mélanges de Littérature et de Philosophie - Tome I. Paris : Firmin Didot Frères, Libraires. 1847. Tome 4. P. 474, 475.*

humano. Poderíamos esperar conhecê-lo sem o observarmos naqueles homens em quem a natureza desenvolveu todas as suas riquezas e toda sua potência? Sem procurarmos neles tanto aquilo que têm em comum com os demais quanto aquilo que os distingue? O homem comum recebe de outrem suas opiniões, suas paixões, seu caráter. Retém as leis, preconceitos e costumes de seu país da mesma maneira que uma planta recebe tudo do solo que a nutre e do ar que a circunda. Observando o homem simples, aprendemos a conhecer o império ao qual a natureza nos submeteu, mas não o segredo de nossas forças e as leis de nossa inteligência.”¹⁴

Fica claro para nós que Condorcet estava interessado em fazer da vida de Voltaire uma espécie de exemplo para servir tanto de inspiração para atuação dos filósofos subsequentes, quanto uma espécie de parâmetro para avaliação do papel da filosofia e daqueles que exercem suas posições críticas. Quando o filósofo oferta todo seu talento, esforço e força de persuasão para as causas de fortalecimento dos direitos naturais e para uma peleja em favor de uma amenização dos costumes e na direção de uma busca da felicidade da humanidade, ele, desta forma, cumpre seu papel, conforme Condorcet.

Quais são, então, as considerações sobre o papel do filósofo para Condorcet? Para ele, um filósofo deve combater a superstição, esclarecer o povo sobre a inutilidade do temor aos dogmas religiosos e às autoridades dos líderes das religiões, travar batalha em favor da liberdade de opinião e expressão, trabalhar para que a razão vença o embrutecimento absoluto e que permita discutir e resolver problemas perigosos e ameaçadores a ela; o filósofo deve esforçar-se para abrandar e simplificar as leis, para dirimir as ações dos enganadores e para garantir a liberdade dos cidadãos de forma mais ampla, deve ser um incentivador das artes e das letras, visto que estas adoçam os costumes, preparando a razão dos homens para uma vida mais suave e segura, uma vez que o gosto das artes e das letras entre os governantes amolecem seus corações e os afastam sempre dos atos de violência e dos crimes e, por isso, conseqüentemente, o povo mais engenhoso e polido será sempre o menos infeliz.¹⁵

O autor então aponta quem deve analisar as obras e a ação do filósofo, quem deve mostrar sua importância: *“É pelos homens esclarecidos que ele deve ser julgado, por aqueles que sabem distinguir, em uma seqüência de obras diferentes, pela sua forma, pelo seu estilo, por seus próprios princípios, o plano secreto de um filósofo que fez contra os preconceitos uma guerra corajosa, mas hábil; mais ocupado em vencê-los que de mostrar seu gênio, muito amigo dos homens para não pôr primeiro sua glória antes de lhes ser útil.”¹⁶*

Mesmo acusado de agir com má-fé contra a religião cristã, de tanto disseminar a incredulidade e o ateísmo, Condorcet defendeu Voltaire dizendo que os erros que se podem apontar de seus escritos decorrem somente de enganos involuntários do filósofo e não de uma má consciência. E que a acusação que lhes imputaram os religiosos dogmáticos advinha da sua afirmação de que só se deve crer naquilo que é provado e *“deve-se rejeitar o que macula*

¹⁴ CONDORCET, *Vie de Voltaire*. P 3.

¹⁵ CONDORCET, *Vie de Voltaire* P. 160, 161.

¹⁶ CONDORCET, *Vie de Voltaire*. P. 162, 163.

a razão e o que falta em verossimilhança”¹⁷ em contraponto aos dogmáticos que afirmavam que se deve adorar e adotar toda crença que não seja demonstrada impossível.

Assim sendo, podemos concluir que a homenagem que Condorcet faz a Voltaire, discorrendo sobre sua vida intelectual e sobre sua filosofia, é tanto mais rica quanto, ao espelho dos escritos do filósofo das Luzes, retira do seu exemplo as considerações sobre qual deve ser o papel do filósofo e sua atuação no seu tempo e em meio à sociedade que o cerca.

THE LIFE OF VOLTAIRE, WRITTEN BY CONDORCET, OR ABOUT THE ROLE OF THE PHILOSOPHER

Abstract: This article aims the analysis of Voltaire’s works, in the book “Voltaire’s Life”, written by Condorcet, when Voltaire’s complete works were published in 1789. Condorcet in this book specifically discusses the works of the philosopher and its repercussions, that is, he shows how Voltaire used his pen to promote a kind of struggle against injustice, prejudice and disrespect for natural rights. Condorcet, in writing the book, mirrors the way he draws inspiration for his work both as philosopher and as political during the events of the French Revolution. This discussion of the work of Voltaire pointed out also that Condorcet shows, in a way, his vision of how to be a philosopher, what is his role facing the challenges of his time and how one should act to combat the ills present among men.

Keywords: Voltaire – philosopher – religion – tolerance – theater.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONDORCET, Jean-Antonio-Nicolas de Caritat, Marquis de. *Vie de Voltaire*. IN : *Œuvres de Condorcet*. Paris: Firmin Didot Frères, Libraires, Imprimeurs de l’Institut. 1847.

_____. *Lettres d’un théologien à l’auteur du dictionnaire des trois siècles* (1774). In : *Œuvres Complètes* 5, 1847.

Œuvres de Condorcet. *Mélanges de Littérature et de Philosophie - Tome I*. Paris : Firmin Didot Frères, Libraires. 1847.

VOLTAIRE. *Cartas inglesas*. Trad. Marilena de Souza Chauí Berlinck. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural. 1973.

_____. *Tratado sobre a tolerância*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

¹⁷ CONDORCET, *Vie de Voltaire*. P. 163.